

# VIVER NA NOITE

DENNIS LEHANE

Traduzido do inglês (EUA) por  
Luís Ricardo Duarte

SEXTANTE TOP



# Índice

## PARTE I

Boston 1926-1929

1. *A Twelve O'Clock Fella* 13
2. O que faltava nela 30
3. A térmita de Hickey 45
4. Um buraco no centro das coisas 59
5. Trabalho sujo 70
6. *All the Sinners Saints* 86
7. A boca 103
8. No crepúsculo 117
9. Da vida do velhote 138
10. Visitações 148

## PARTE II

Ybor 1929-1933

11. O melhor da cidade 165
12. Música e revólveres 184
13. Buraco no coração 197

14. Bum 205
15. Os olhos da filha 224
16. *Gangster* 242
17. Acerca de hoje 251
18. Filho de ninguém 270
19. Não há bons velhos tempos 292
20. *Mi Gran Amor* 303
21. Ilumina o meu caminho 308
22. Não extingais o Espírito 327

### PARTE III

Todos os filhos violentos 1933-1935

23. O corte de cabelo 343
24. Como encontramos o fim 358
25. Superioridade 364
26. Voltar à escuridão 376
27. Um cavalheiro agricultor em Pinar del Río 390
28. Como era tarde 402
29. Um homem da sua profissão 414

AGRADECIMENTOS 415



# 1

## *A Twelve O'Clock Fella in a Nine O'Clock Town*

Alguns anos mais tarde, num rebocador no golfo do México, os pés de Joe Coughlin foram mergulhados numa banheira de cimento. Doze pistoleiros esperaram, de pé, até estarem suficientemente afastados da margem para o atirar borda fora, enquanto Joe ouvia o motor resfolegar e observava a água espumando branca sob a popa do barco. E ocorreu-lhe que quase tudo o que tinha acontecido na sua vida – de bom ou de mau – tinha sido posto em movimento naquela manhã em que pela primeira vez se cruzara com Emma Gould.

Tinham-se conhecido pouco depois de uma madrugada em 1926, quando Joe e os irmãos Bartolo roubaram a sala de jogos nos fundos de um *speakeasy* de Albert White, a sul de Boston. Antes de lá entrarem, Joe e os Bartolo não faziam ideia de que o *speakeasy* pertencia a Albert White. Se fizessem, teriam batido em retirada em três direções diferentes para tornarem a pista mais difícil de seguir.

Desceram as escadas das traseiras sem grande problema. Passaram pela área vazia do bar sem incidentes. O bar e o casino estavam instalados nas traseiras de um armazém de mobiliário ao longo do cais que o patrão de Joe, Tim Hickey, lhes afiançara estar na posse de uns inofensivos gregos recém-chegados de Maryland. Mas quando entraram na sala dos fundos, encontraram um jogo de póquer a todo o vapor, com os cinco jogadores a beber *whisky* canadiano de pesados copos de cristal, um manto de fumo a pairar sobre as cabeças. Ao centro da mesa erguia-se uma pilha de dinheiro.

Nenhum dos homens parecia grego. Ou inofensivo. Tinham pendurado os casacos dos fatos no espaldar das cadeiras, o que deixava à vista as armas nos quadris. Quando Joe, Dion e Paolo entraram de pistolas em riste, nenhum dos homens puxou das armas, mas Joe pôde ver que alguns estavam a pensar nisso.

Uma mulher tinha estado a servir bebidas à mesa. Pousou a bandeja ao lado, tirou o cigarro de um cinzeiro e puxou uma baforada, parecendo estar prestes a bocejar com três armas apontadas para ela. Como se fosse pedir qualquer coisa mais interessante como *encore*.

Joe e os Bartolo tinham os chapéus puxados sobre os olhos e metade dos rostos coberta por lenços negros. O que fora uma boa ideia, porque se alguém deste grupo os reconhecesse, não lhes restaria mais do que meio dia das suas vidas.

Uma brincadeira de crianças, dissera Tim Hickey. Ataquem-nos de madrugada, que estarão apenas uns quantos parolos na sala de contagem.

Em vez de cinco gorilas armados até aos dentes a jogar póquer.

Um dos jogadores perguntou: – Sabem a quem pertence este sítio?

Joe não o reconheceu, mas conhecia o tipo ao pé dele – Brenny Loomis, ex-pugilista e membro do gangue de Albert White, o maior rival de Tim Hickey no negócio de contrabando. Recentemente, circulava que Albert estaria a armazenar metralhadoras *Thompson* para uma guerra iminente. Nas ruas sabia-se – era melhor escolher um lado ou escolher uma lápide.

Joe disse: – Se todos fizerem o que eu mando, saem daqui sem um arranhão.

O tipo ao lado de Loomis voltou a abrir a boca.

– Perguntei se sabes de quem é este jogo, imbecil de um raio.

Dion Bartolo atingiu-o na boca com a pistola. Com força suficiente para o derrubar da cadeira e fazer correr algum sangue. Pôs toda a gente a pensar que era muito melhor não ser aquele que estava a levar com a pistola.

Joe disse: – Todos menos a rapariga, ajoelhem-se. Ponham as mãos na nuca e cruzem os dedos.

Benny Loomis olhou Joe nos olhos.

– Vou telefonar à tua mãe quando isto acabar, rapaz. Vou sugerir-lhe um belo fato preto para o teu caixão.

De Loomis, um antigo pugilista de clubes em Mechanics Hall e companheiro de treinos de Mean Mo Mullins, dizia-se que tinha um soco com a força de um saco de bolas de bilhar. Matava pessoas para Albert White. Não vivia exclusivamente disso, mas falava-se da sua vontade de dar a entender a Albert que, caso essa posição se tornasse a tempo inteiro, faria valer a sua antiguidade.

Joe nunca experimentara um medo igual ao que sentiu quando olhou para os pequeninos olhos castanhos de Loomis, mas não deixou de apontar para o chão com a arma, muito surpreendido de ver que a mão não lhe tremia. Brendan Loomis cruzou os dedos na nuca e ajoelhou-se. Uma vez no chão, os outros seguiram-no.

Joe disse à rapariga: – Chegue aqui, *miss*. Não lhe fazemos mal.

Ela esmagou o cigarro no cinzeiro e olhou para ele como se estivesse a pensar em acender outro, talvez em ir buscar mais uma bebida. Atravessou a sala na sua direção, uma rapariga quase da sua idade, talvez vinte anos ou coisa parecida, com olhos de inverno e pele tão pálida que quase podia ver através dela o sangue e a carne por baixo.

Observou-a a aproximar-se enquanto os irmãos Bartolo aliviavam os jogadores das suas armas. As pistolas fizeram barulhos pesados quando as atiraram para uma mesa de *blackjack* ali ao lado, mas a rapariga nem sequer estremeceu. Nos seus olhos dançavam luzes de fogo atrás do cinzento.

Ela aproximou-se da sua arma e disse: – E o que vai desejar o cavalheiro com o seu assalto esta manhã?

Joe entregou-lhe um dos dois sacos de lona que trouxera.

– O dinheiro na mesa, se faz favor.

– É para já, *sir*.

Enquanto ela atravessava a sala de regresso à mesa, ele puxou de umas algemas do outro saco e atirou-o a Paolo. Paolo dobrou-se perto do primeiro jogador de cartas e algemou-lhe os pulsos no fundo das costas antes de se ocupar do seguinte.

A rapariga varreu o saque do centro da mesa – Joe reparou que não havia só notas, mas também relógios e joias – e depois

reuniu todas as apostas. Paolo terminou de algemar os homens no chão e começou a amordaçá-los.

Joe inspecionou a sala com os olhos – a roleta estava atrás de si, a mesa de dados encontrava-se contra a parede, debaixo das escadas. Contou três mesas de *blackjack* e uma de bacará. Seis *slot machines* ocupavam toda a parede dos fundos. Uma mesa baixa com uma dúzia de telefones em cima constituía o serviço de telecomunicações, um quadro atrás apresentava a lista dos cavalos da 12.<sup>a</sup> corrida da noite anterior em Readville. Além da porta por que tinham entrado, havia outra marcada a giz com um *T* de TOILET, o que fazia sentido, porque as pessoas tinham de se aliviar quando bebiam.

Exceto que, quando atravessaram o bar, Joe vira duas casas de banho, o que seria decerto suficiente. E esta casa de banho tinha um cadeado.

Olhou para Brenny Loomis, que estava deitado no chão com uma mordaca na boca mas que via as ideias a fervilhar na cabeça de Joe. Joe, por sua vez, via as ideias a fervilhar na cabeça de Loomis. E soube o que soubera desde o momento em que reparara no cadeado: a casa de banho não era uma casa de banho.

Era a sala de contagem.

A sala de contagem de Albert White.

A avaliar pelo movimento dos casinos de Hickey nos últimos dois dias – o primeiro fim de semana frio de outubro –, Joe adivinhava uma pequena fortuna atrás daquela porta.

A pequena fortuna de Albert White.

A rapariga regressou com o saco dos despojos do póquer.

– A sua sobremesa, *sir* – disse e entregou-lhe o saco. Ele não conseguia acreditar na firmeza do seu olhar. Ela não olhava para ele, olhava através dele. Tinha a certeza de que conseguia ver o seu rosto atrás do lenço e do chapéu puxado para baixo. Numa manhã qualquer, havia de passar por ela quando fosse comprar cigarros e ouviria: «É ele!» Não teria sequer tempo de fechar os olhos antes de as balas o atingirem.

Pegou no saco e fez baloiçar as algemas no dedo. – Vire-se.

– Com certeza, *sir*. Imediatamente, *sir*.

Ela virou-se de costas e cruzou os braços atrás. Os nós dos dedos apertados contra as costas, as pontas dos dedos balançando

sobre o traseiro, e Joe a pensar que a última coisa que deveria fazer era concentrar-se no traseiro fosse de quem fosse, ponto final.

Fechou a primeira algema no pulso dela. – Serei gentil.

– Não se iniba por minha causa. – Olhou para ele por cima do ombro. – Tente apenas não deixar marcas.

Valha-me Deus.

– Qual é o seu nome?

– Emma Gould – disse ela. – E o seu?

– Procurado.

– Por todas as raparigas ou só pela justiça?

Não conseguia acompanhar o ritmo da rapariga e vigiar a sala ao mesmo tempo, pelo que a virou para si e puxou a mordação do bolso. As mordações eram peúgas de homem que Paolo Bartolo roubara do armazém Woolworth's, onde trabalhava.

– Vai enfiar uma peúga na minha boca.

– Sim.

– Uma peúga. Na minha boca.

– Nunca foi usada – disse Joe. – Juro.

Ela arqueou uma sobrancelha. Tinha a cor de cobre manchado do seu cabelo e era suave e brilhante como um arminho.

– Não lhe mentiria – disse Joe e sentiu-se como se estivesse a dizer-lhe a verdade naquele momento.

– É o que os mentirosos costumam dizer. – Abriu a boca como uma criança que se resigna a tomar uma colher de xarope, e ele pensou dizer-lhe mais qualquer coisa, mas nada lhe ocorreu. Pensou perguntar-lhe qualquer coisa, apenas para ouvir de novo a sua voz.

Os olhos dela pulsaram um pouco quando ele lhe empurrou a meia para dentro da boca, e então tentou cuspi-la – era o que normalmente acontecia –, abanando a cabeça quando viu o bocado de fita autocolante na mão dele, mas ele estava pronto para ela. Passou-lhe a mão pela boca e alisou as pontas da fita autocolante contra o seu rosto. Ela olhou para ele como se, até este momento, toda a transação tivesse sido perfeitamente honrosa – um divertimento, mesmo – mas ele agora tivesse dado cabo de tudo.

– São metade seda – disse ele.

Outro arquear de sobrancelha.

– A meia – disse ele. – Junte-se aos seus amigos.

Ajoelhou-se perto de Brendan Loomis, que nunca tirara os olhos de Joe, nem uma única vez.

Joe olhou para a porta da sala de contagem, para o cadeado que a encerrava. Deixou que Loomis seguisse o seu olhar e então fixou-o diretamente nos olhos. Os olhos de Loomis ficaram baços, enquanto esperava para ver qual seria a jogada seguinte.

Joe sustentou-lhe o olhar e disse: – Vamos, rapazes. Acabámos.

Loomis pestanejou uma vez, devagar, e Joe decidiu levar aquilo como uma oferenda de paz – ou a possibilidade de uma oferenda de paz – e sumiu-se dali para fora.

Depois de saírem, foram guiando pelo cais. O céu tinha uma dura cor azul, com duras riscas amarelas. As gaiotas subiam e desciam, grasnando. O balde de uma grua de barco baloiçou violentamente sobre a rua do cais, fazendo depois o caminho de volta com um guincho quando Paolo atravessou a sua sombra. Estivadores e camionistas estavam encostados às colunas, a fumarem no frio claro. Alguns atiravam pedras às gaiotas.

Joe baixou a janela, recebeu o ar frio em pleno rosto, contra os olhos. Cheirava a sal, a sangue de peixe e a gasolina.

Dion Bartolo olhou para trás, do lugar do morto. – Perguntaste o nome à boneca?

Joe disse: – Estava a fazer conversa.

– Algemaste-a como se lhe pusesse um alfinete ao peito, pedindo-lhe para dançar?

Joe inclinou durante um minuto a cabeça pela janela aberta, sugou o ar sujo tão profundamente quanto pôde. Paolo saiu das docas e dirigiu-se à Broadway, o *Nash Roadster* seguia a quase cinquenta quilómetros por hora, tranquilamente.

– Já a tinha visto antes – disse Paolo.

Joe enfiou a cabeça outra vez dentro do carro. – Onde?

– Não sei. Mas já a vi. Sei que já a vi. – O *Nash* saltou em direção à Broadway e todos no carro saltaram com ele. – Devias escrever-lhe um poema, talvez.

– Escrever-lhe a porra de um poema – disse Joe. – Porque é que não abrandas e paras de guiar como se tivéssemos feito qualquer coisa?

Dion virou-se para Joe, pousou o braço nas costas do assento.  
– Ele uma vez escreveu mesmo um poema a uma miúda, o meu irmão.

– Verdade?

Paolo encontrou os olhos de Joe no espelho retrovisor e fez um aceno solene.

– O que aconteceu?

– Nada – disse Dion. – Ela não sabia ler.

Dirigiram-se para sul, para Dorchester, e ficaram presos no tráfego por causa de um cavalo caído morto às portas da Andrew Square. Os carros tinham de contorná-lo e à carreta de gelo tombada. Lascas de gelo brilhavam nos interstícios da calçada como aparas de metal, e o homem do gelo estava de pé ao lado da carcaça, pontapeando-lhe as costelas. Joe pensou nela o caminho todo. As mãos eram secas e macias. Muito pequenas e cor-de-rosa na base das palmas. As veias do pulso eram violeta. Tinha uma sarda negra atrás da orelha direita mas não da esquerda.

Os irmãos Bartolo viviam na Dorchester Avenue por cima de um talhante e de um sapateiro. O talhante e o sapateiro tinham casado com duas irmãs e odiavam-se um pouco menos do que odiavam as mulheres. Isto não os impedia, contudo, de terem um *speakeasy* na cave comum. À noite, as pessoas vinham das outras dezasseis freguesias de Dorchester, bem como de freguesias de North Shore, para beber o melhor álcool a sul de Montreal e ouvir uma cantora negra chamada Delilah Deluth cantar sobre desgostos de amor num lugar cujo nome oficioso era The Shoelace, o que enfurecia tanto o talhante que tinha ficado careca por causa disso. Os irmãos Bartolo encontravam-se no Shoelace praticamente todas as noites, no que não havia problema, mas chegarem ao ponto de morarem por cima do lugar parecia a Joe algo idiota. Bastava uma rusga legítima de polícias honestos ou agentes do Tesouro, por muito improvável que pudesse ser, para arrombar a porta de Dion e Paolo e descobrir dinheiro, armas e joias que dois italianos a trabalharem num grande armazém e numa mercearia, respetivamente, nunca poderiam justificar.

Era verdade que as joias costumavam sair pela porta das traseiras diretamente para Hymie Drago, o recetador que os dois

usavam desde que tinham quinze anos, mas o dinheiro nunca ia mais longe do que para uma mesa de jogos nas traseiras do Shoelace ou então para dentro dos colchões.

Joe encostou-se à geleira e viu mentalmente Paolo a guardar aí a sua parte e a do irmão dessa manhã: bastava puxar para trás o lençol amarelo de suor para revelar um de uma série de cortes que tinham feito de lado, Dion entregando os maços de notas a Paolo e Paolo enfiando-os dentro do colchão como se estivesse a rechear um peru de Natal.

Com vinte e três anos, Paolo era o mais velho dos três. Dion, com menos dois anos, parecia mais velho, talvez porque fosse mais esperto, ou então porque era pior do que o irmão. Joe, que ia fazer vinte anos no mês seguinte, era o mais novo, mas fora reconhecido por todos como o cérebro das operações desde que haviam unido forças para destruir quiosques de jornais quando Joe tinha treze anos.

Paolo levantou-se. – Já sei onde a vi. – Sacudiu a poeira dos joelhos.

Joe endireitou-se. – Onde?

– Mas ele não gosta nada dela – disse Dion.

– Onde? – repetiu Joe.

Paolo apontou para o chão. – Lá em baixo.

– No Shoelace?

Paolo acenou. – Ela veio com o Albert.

– Albert quê?

– Albert, o rei do Montenegro – disse Dion. – Albert Quem É Que Pensas?

Infelizmente, havia apenas um Albert em Boston a quem eles se podiam referir prescindindo do último nome. Albert White, o tipo que tinham acabado de roubar.

Albert era um antigo herói das Guerras Moro Filipinas e um ex-polícia que perdera o emprego, como o irmão de Joe, depois da greve de 1919. Atualmente, era o dono da White Garage and Automotive Glass Repair (antes Halloran's Tire and Automotive), White's Downtown Café (antes Halloran's Lunch Counter) e White's Freight and Transcontinental Shipping (antes Halloran's Trucking). Segundo um rumor, teria limpo o sebo a Bitsy Halloran. Bitsy arranjou

maneira de ser atingido por onze balas numa cabine telefónica de carvalho no interior de uma Drogaria Rexall na Egleston Square. Foram tantos os tiros disparados à queima-roupa que a cabine telefónica ficou em chamas. Dizia-se que Albert teria comprado os restos carbonizados da cabine, que os restaurara e que os mantinha no escritório da casa que tinha em Ashmont Hill, fazendo daí todas as suas chamadas.

– Com que então é a rapariga do Albert. – Joe sentiu-se a desanimar ao pensar nela como apenas outra pega de um *gangster*. Já os via a atravessar o país num carro roubado, livres de passado ou de futuro, perseguindo um céu vermelho e um sol poente até ao México.

– Vi-os juntos aí umas três vezes – disse Paolo.

– Agora já são três vezes.

Paolo baixou o olhar para os dedos em confirmação.

– Sim.

– O que faz ela então a servir bebidas nos seus jogos de póquer?

– Que mais lhe resta fazer? – perguntou Dion. – Reformar-se?

– Não, mas...

– O Albert é casado – disse Dion. – Quem sabe quanto tempo dura uma rapariga dessas ao seu lado?

– Ela pareceu-te uma dessas raparigas?

Dion abriu lentamente com o polegar a tampa de uma garrafa de *gin* canadiano, os olhos sem expressão fixos em Joe. – Ela não me pareceu mais do que uma rapariga que guardou o nosso dinheiro no saco. Nem te consigo dizer a cor do cabelo dela. Não consigo...

– Louro-escuro. Quase castanho-claro, mas não chega lá.

– É a miúda do Albert. – Dion serviu uma bebida a todos.

– Pois é – disse Joe.

– Já é suficientemente mau termos assaltado o estaminé do homem. Não comeces a pensar em tirar-lhe outras coisas. Está bem?

Joe não disse nada.

– Está bem? – repetiu Dion.

– Está bem. – Joe pegou na sua bebida. – Ótimo.

Ela não apareceu no Shoelace nas três noites seguintes. Joe tinha a certeza – estivera lá, desde a abertura ao fecho, todas as noites.

Albert entrou, trajando um dos seus costumeiros fatos branco-sujo às riscas. Como se estivesse em Lisboa, ou coisa parecida. Vestia-os com chapéus castanhos, que davam com os seus sapatos castanhos, que davam com as riscas castanhas. Quando a neve chegava, envergava fatos castanhos com riscas branco-sujas, um chapéu branco-sujo e polainas brancas e castanhas. Quando chegava fevereiro, preferia fatos e sapatos castanho-escuros com um chapéu preto, mas Joe imaginava que, de modo geral, seria fácil abatê-lo à noite. Atingi-lo num beco à distância de cerca de vinte metros com uma pistola barata. Nem seria preciso um candeeiro para ver aquele branco tornar-se vermelho.

«Albert, Albert», pensou Joe enquanto Albert passava pelo seu banco no Shoelace na terceira noite, «podia matar-te se soubesse alguma coisa sobre matar.»

O problema era que Albert não costumava frequentar becos e, quando o fazia, tinha quatro guarda-costas com ele. E mesmo se conseguisse passar pelos guarda-costas e matar Albert – e Joe, não sendo assassino, questionou-se, primeiro que tudo, por que raio estaria a pensar em matar Albert White –, apenas conseguiria fazer descarrilar o império dos parceiros de Albert White, que incluíam a polícia, os italianos, as máfias judaicas em Mattapan e vários homens de negócios legítimos, incluindo banqueiros e investidores com interesses na cana-de-açúcar de Cuba e da Florida. Fazer descarrilar um império destes numa cidade tão pequena como esta era o mesmo que alimentar animais do jardim zoológico com cortes frescos nas mãos.

Albert olhou para ele uma única vez. Olhou-o de tal forma que Joe pensou: «Ele sabe, ele sabe. Ele sabe que o roubei. Sabe que quero a sua miúda. Ele sabe.»

Mas Albert disse: – Tens lume?

Joe raspou um fósforo no balcão e acendeu o cigarro de Albert White.

Quando Albert soprou para apagar o fósforo, o fumo atingiu o rosto de Joe. Depois disse:

– Obrigado, rapaz.

E afastou-se, uma carnação tão branca como o fato, e os lábios tão vermelhos como o sangue que lhe corria dentro e fora do coração.